

Corpo e sexualidade na formação inicial de professores de Ciências Biológicas: olhares ao cotidiano escolar.

Francisco Antonio Rodrigues Setúval¹

Janine Ranielle Bahia de Miranda Sousa²

Maria Eduarda do Prado Pinto³

Resumo: Este trabalho constitui uma análise reflexiva a partir de observações realizadas por graduandos em uma escola pública municipal baiana de ensino fundamental, sobre o corpo e a sexualidade no cotidiano escolar e sendo desenvolvido como parte integrante de estágio de observação do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, na disciplina Estudos Temáticos em Sexualidade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista. O estudo apresentará os resultados obtidos das análises feitas em torno dos episódios de ensino e acontecimentos da escola observados, sendo elencadas através de quatro descrições, permeando por reflexões e fundamentos teóricos que dialoguem com os temas Corpo e Sexualidade no processo de formação inicial de professores de Ciências e Biologia na perspectiva dos significados e desdobramentos dos olhares ao cotidiano escolar.

Palavras-chaves: Corpo, Sexualidade, Formação de Professores.

1 Professor do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia –Campus Vitória da Conquista - BA, francosetuval@yahoo.com.br

2 Graduanda pelo Curso de do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia –Campus Vitória da Conquista – BA, bel-bahia35@hotmail.com

3 Graduanda pelo Curso de do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia –Campus Vitória da Conquista – BA,;

Corpo e Sexualidade no cotidiano escolar: entrelinhas teóricas

O estudo do corpo no ensino de Ciências e Biologia sempre esteve atrelado ao aspecto funcionalista direcionando sempre para uma abordagem de apresentação das suas estruturas e funções, sendo na maioria das vezes, ausente de um discurso voltado as questões sociais que o considerem com um tratamento voltado aos estudos culturais, ou seja, as práticas sociais. Conforme Silva (2014), o modo como o tema corpo humano é abordado no espaço escolar por meio das disciplinas Ciências e Biologia, geralmente nega a inconstância do corpo. Logo acrescenta que “o corpo que aparece nos textos e aulas é, por conseguinte, fragmentado e biomedicalizado (p. 2).” Nesse sentido, é importante ressaltar que o corpo, apresentado nos livros didáticos de Ciências e Biologia, é estático e diferente dos corpos estudantis que se apresentam de maneira dinâmica no cotidiano do espaço escolar, e, que, por sua vez, apresentam-se constituídos de vivências e experiências trazidas dos seus territórios de socialização. Segundo Dias e de Oliveira (2015), o cotidiano da escola apresenta-se dinâmico e fluído e com experiências imprevistas que nas práticas pedagógicas passam a fazer parte por meio do currículo “oculto” ou “informal”, e, assim, inserindo-se nas aulas e no ambiente escolar uma diversidade de questões.

Dentre tais questões, consideramos que o corpo e a sexualidade são temas que assumem um papel de visibilidade significativa quando passam a ser consideradas como referências para legitimar a prática pedagógica como definidora de objetivos e procedimentos que articulem tais temáticas considerando o discurso biológico e cultural das práticas sociais. Barros et. al (2009) indicam sobre a importância de questionamento e reflexão sobre essas temáticas por parte dos professores, uma vez que executam a função de mediadores no espaço escolar buscando integrar os atores sociais da escola (docentes e discentes, direção, equipe pedagógica).

No que se refere à condição dos seres humanos sobre a questão do corpo e da sexualidade, Macedo (2005, p. 138) vem apontar que “os currículos de ciências buscam fixar uma identidade que tem na dimensão biológica do corpo seu principal elemento.” Em contrapartida, a autora menciona que na configuração de espaço-tempo da escola, alunos e professores convivem com os discursos trazidos por tais currículos, mas também com seus perentencimentos e vivências corporais sendo que estas mostrando que as suas identidades são provisórias e que seus corpos são alterados pela cultura.

Nesse contexto, é de se considerar que os docentes têm um compromisso essencial em estabelecer na sua prática pedagógica correspondências

entre os discursos biológicos e culturais sobre o corpo e a sexualidade. Para tanto, primordial que os episódios de ensino e acontecimentos no espaço escolar sejam perceptíveis para diagnosticar as configurações de como se apresentam o dinamismo e a fluidez dos corpos estudantis, ou seja, como se expressam os seus comportamentos, sentimentos, impulsos, desejos, identidades sexuais, relações interpessoais, entre outros aspectos.

Sob esta ótica, torna-se importante ressaltar que durante o processo de formação inicial de professores de Ciências e Biologia a discussão sobre Corpo e Sexualidade na dimensão das práticas sociais seja um mecanismo que possibilite constituir uma nova maneira dos graduandos refletirem sobre o futuro trabalho docente atrelado a novos olhares sobre tais temas. Nesse sentido, é imperativo que os professores formadores possam direcioná-los na constituição de novos sentidos aos conteúdos curriculares que circulam pelas escolas através de perspectivas e possibilidades que as considerem como espaços de observações para efetuação de diagnóstico do que esteja associado ao currículo “oculto” em termos de episódios de ensino e de seus acontecimentos.

Tendo em vista essas considerações trazidas, a proposta aqui apresentada remete a uma experiência vivenciada com graduandos do 2º semestre 2018.2 do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista, Bahia, na disciplina Estudos Temáticos em Sexualidade, na qual apresenta um crédito de carga horária de 45 horas de Estágio de Observação, a qual parte dela foi utilizada para realização de observações *in loco* em uma escola pública municipal de ensino fundamental sobre as questões voltadas ao Corpo e a Sexualidade. Sendo assim, este artigo apresenta resultados das atividades de observações executadas pelos referidos graduandos, permeando reflexões sobre os conteúdos curriculares Corpo e Sexualidade e seus possíveis significados e desdobramentos como aspectos inerentes à sua formação inicial docente e de constituição do processo de construção dos conhecimentos pedagógicos, como contribuição as suas práticas pedagógicas futuras no ensino de Ciências e Biologia. Ainda mais, trazendo discussões sobre a temática através do uso de subsídios teóricos trabalhados na supracitada disciplina da graduação.

Observação no cotidiano escolar: olhares da ação formativa.

Estabelecer o contato com a direção da escola constituiu a primeira ação negociadora da atividade de Estágio de Observação a fim de obter permissão

para execução das observações dos graduandos no espaço escolar. Com a aprovação da solicitação feita direciono os futuros professores para o primeiro momento de diálogo com a diretora e coordenação da instituição. De início, dois contrapontos elencados: não havia datas agendadas para as Atividades Complementares (AC) como possibilidade de conversas com os professores sobre Corpo e Sexualidade, e, que na escola não havia projetos com tais temáticas. Por outro lado, um fato inesperado pelos graduandos foi declarado pela direção. Um dos professores da escola, declarado homoafetivo estava sendo alvo de piadas pelos estudantes. Este professor, segundo a direção, deixou claro que não aceitaria nenhuma forma de preconceito contra ele, uma vez que até alguns pais já tinham ido à escola para saberem da sua condição.

Desta narrativa real, ocupamo-nos desta premissa para apresentar um cenário que reflete acontecimentos da escola que nos levaram a discutir em sala de aula sobre o currículo “oculto” e de como o cotidiano da escola é envolto por questões problematizadoras que devem ser instituídas como parte das práticas curriculares. Nesse sentido, pensar a formação inicial através de aproximações dos graduandos com a escola, talvez seja, um caminho promissor no que se refere ao entendimento de que a escola é um espaço de tensões e conflitos que precisa continuamente ser resignificada a partir do que é representativo das expressões ouvidas, percebidas, sentidas, declaradas e vivenciadas no cotidiano escolar.

Alves (2003), afirma que os trabalhos voltados ao cotidiano da escola e com os diferentes modos culturais existentes remetem a ideia de que é nessa perspectiva que se aprende e se ensina a ler, a escrever, a contar, a introduzir questões ao mundo que nos cerca, à natureza, o modo como homens e mulheres estabelecem relações entre si e com ela, a poetizar a vida, a amar o outro. Sob esta ótica, é de se considerar que quando os graduandos vivenciam o espaço escolar, oportunamente, acrescentam na sua formação possibilidades de percepções sobre diversos aspectos que permeiam os acontecimentos da escola e os episódios de ensino, principalmente, aqueles relacionados às subjetividades.

Com isso, podendo permitir acréscimos ou adequações nos conteúdos escolares que transcendam o discurso biológico se forem consideradas outras dimensões associadas às tensões e conflitos que permitam o diálogo para compreensão de novas visões de mundo, bem como, estabelecendo novas proposições metodológicas que possam instituir na ação docente as práticas culturais. Candau (2010, p.15), atribui uma contribuição significativa para um entendimento novo das relações entre educação e cultura(s) que “diz respeito a uma concepção da escola como um espaço de cruzamento de culturas, fluído e complexo, atravessado por tensões e conflitos.”

Em verdade, observações no cotidiano escolar podem abranger as visões dos graduandos no que se refere à forma como devem operacionalizar a prática pedagógica com temas que estão inseridos nos diversos contextos de manifestações e condições apresentadas pelos sujeitos sociais da escola (alunos, professores, diretores, coordenadores, etc). Tura (2003) assegura que há vantagens na observação de cunho antropológico que vislumbre o contexto sociocultural do ambiente escolar considerando a genealogia dos acontecimentos, articulações com outros ambientes sociais e temporalidades e a análise da construção de subjetividades e identidades nos processos de socialização.

Com efeito, vale considerar por esse âmbito, levar em conta a descrição dos fatos que ocorrem no cotidiano escolar de modo que as ações culturalmente incorporadas pelos atores sociais possam suscitar percepções que gerem reflexões na produção do conhecimento. Diante disso, no contexto das observações realizadas na escola, os graduandos fizeram descrições dos episódios de ensino e dos acontecimentos escolares que se situam em torno de como tais observações são referendadas para as discussões e reflexões sobre o Corpo e a Sexualidade dos estudantes escolares no momento em que estiveram no local. As referidas descrições dos graduandos são apresentadas no tópico seguinte, escolhidas e enumeradas em quatro de acordo com o que julgamos significativo para compor as discussões deste trabalho de maneira a associar os seus significados e desdobramentos com a formação inicial de professores de ensino de Ciências e Biologia.

Corpo e Sexualidade: olhares descritivos dos graduandos.

Descrição 1: “*Pudemos observar que as paredes dos banheiros estavam riscadas com desenhos de órgãos genitais masculinos e femininos (fig.01). Havia inúmeros palavrões e frases ofensivas.*” (fig. 02).

Figura 01: desenho órgão sexual masculino

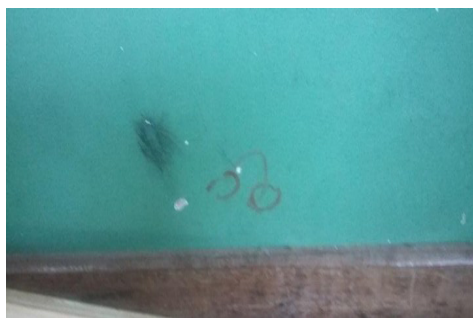


Figura 02: grafia de termos obscenos



O cenário da descrição infere que as práticas culturais dos(as) estudantes associadas a tais imagens e escritas, possivelmente, estejam articuladas com a suas origens, histórias de vida e a forma como foram estabelecidas as representações simbólicas do corpo sexual, na maioria das vezes, concebidas por controle, repressões e proibições que, conseqüentemente, os levam a maximizar as suas vontades e desejos projetando elementos visuais e gráficos em ambientes publicamente utilizados, o que pode levar a despertar sensações, comportamentos, atitudes e até mesmo questionamentos de outros sujeitos, somando assim, outras provocações diferentes e em série.

Consideramos que essas representações simbólicas do corpo sexual sob a perspectiva do controle, das repressões e proibições sejam entendidas a partir da "representação cultural" que conforme Amaral (1997) se define como sendo um processo de construção de sentidos das coisas através dos sistemas de significação e que tem a linguagem como produtora de significados sobre o mundo em que vivemos. Nascimento (2000, p.133), afirma que "a linguagem não apenas traduz ou reflete o mundo, mas, antes, o produz."

Assim, é de se considerar que no contexto da formação docente inicial, essa abordagem do corpo voltada à dimensão cultural requer refletir como determinadas imagens constituídas pelos (as) estudantes sobre o corpo sexual no ambiente escolar podem favorecer e legitimar práticas pedagógicas que propiciem conexões entre o discurso cientificamente hegemônico e a linguagem de múltiplos saberes que circundam tal ambiente.

Descrição 2: *"Durante o intervalo, alguns alunos cantaram músicas obscenas e que desvalorizam a mulher. Um dos alunos abraçou inúmeras meninas de forma mais "ousada."*

A situação descrita indica o caráter pictórico na representação do corpo feminino através das composições musicais que veiculam na mídia e que de algum modo acabam incorporando como uma linguagem na vida dos estudantes que determinam comportamentos e atitudes de superioridade do sexo masculino sobre o feminino. Por sua vez, a manifestação de contato corporal do estudante com as estudantes de forma "ousada" revela a eminência da erotização masculina sobre o corpo feminino, determinando assim, comportamentos de desvalorização sobre as mulheres, gerando assim hierarquias e desigualdades de gênero. Obviamente, que biologicamente esses corpos têm vontades, desejos sexuais e impulsos, todavia, é preciso uma dimensão de limites que propiciem o equilíbrio emocional do sujeito sobre o seu próprio corpo para manutenção de respeito ao outro.

Partindo dessa visão, tomamos posse das palavras de Dias & de Carvalho (2013, p.261) que “ao falarmos de gênero temos que levar em consideração a fluidez das representações e os significados que homens e mulheres atribuem aos seus corpos, seus desejos, a sua sexualidade.” Enfatizam ainda os autores que os estudos de gênero não incluem somente a submissão feminina, mas também permitem a busca pela compreensão das vivências a que são incorporados os indivíduos, como também questionar as desigualdades nas relações, seja concreta ou simbólica. Devendo também permitir a compreensão dos aspectos históricos que estão associados nessa relação, desmontando uma visão que neutraliza as diferenças, silenciando os discursos que ficam a margem do que é instituído como padrão universal.

Diante da situação descrita e dos argumentos trazidos sobre as questões associadas ao corpo, gênero e sexualidade, torna-se essencial abordar sobre essas proposições com os alunos em formação inicial de modo a incorporar nos seus discursos reflexões que propiciem nas práticas pedagógicas futuras o entrelaçamento de questões de ordem biológica com o social, o cultural e o histórico que estão presentes na escola.

Descrição 3: Nas paredes também tinham termos ofensivos em relação ao corpo feminino, como por exemplo a palavra “gorda”.

O contexto apresentado na descrição reforça as determinações estereotipadas do corpo que não se enquadra nos padrões estéticos estabelecidos pela mídia e que influencia de modo geral na constituição das identidades dos sujeitos. Desse modo, a visão declarada do termo atribuído ao sexo feminino instala uma representação de corpo não valorizado, diferente do que se atribui ser ‘normal’ considerando uma estrutura material e simbólica da sociedade que legitima o corpo idealizado e perfeito. Ao contrário da visão estereotipada apresentada na descrição argumentamos através de Nascimento (2000, p.140) que “os corpos se produzem e adquirem formas, que são resultado da expressão de seus genes e da produção de suas identidades através da gama de práticas e elementos culturais a que têm acesso no cotidiano.”

Ao realizarem análises em livros didáticos de Ciências sobre representações de corpo, Valiente e Selles (2017, p. 11), indicam que em todas as décadas as obras mostram “uma regularidade dos biótipos de corpo humano que, em sua maioria, atendem aos padrões de beleza estabelecidos pelas mídias.” Sendo assim, pontuamos que tal regularidade reforça e legitima o preconceito ao corpo dos sujeitos que não se padronizam ao ideário de perfeição estética, estando essa questão muito acentuada no cotidiano escolar

e que precisa ser inserida nos conteúdos escolares de Ciências e Biologia como enfrentamento a manutenção dos discursos curriculares que preconizam visões científicas, ignorando, muitas vezes os contextos dimensionados na cultura.

Assim, a visão descrita pelos graduandos deve ser considerada como reflexões sobre um olhar voltado para a sua formação inicial que discuta, durante as suas ações docentes, determinadas posturas e concepções de estudantes na escola sobre o Corpo e a Sexualidade no que tange ao valor estético que os sujeitos atribuem a valorização da perfeição em contraste a outras identidades que não se encaixam no perfil estabelecido como válido nas próprias relações sociais e interpessoais.

Descrição 4: *Segundo o relato da professora de inglês, um aluno colou nas costas do colega de sala um papel escrito "viado", tendo como consequência, ter que chamar os pais dos estudantes.*

Revela-se na descrição do fato um comportamento abusivo de agressão do estudante ao outro, mesmo que não haja fundamento de validade da condição atribuída com o termo vulgarizado que tem relação com outra forma de sexualidade distinta da orientação predominante (heterossexual), nesse caso, homossexual, e, que na situação reflete, possivelmente, uma atitude homofóbica, sendo muito comum em se tratando do cotidiano das escolas como também em diversos setores sociais. Salienta Rizza & Ribeiro (2017, p. 67) que "é possível perceber que a sexualidade e as demais discussões, como o gênero e a diversidade, têm atravessado de alguma forma as instituições escolares.

Silva (2014) declara que tanto meninos quanto meninas no ambiente escolar quando produzem outro corpo e outra forma de sexualidade não condizente ao texto escolar, ou seja, ao padrão heteronormativo, colocam em conflito as formas engendradas de pensamento e o sistema de crenças das/os professoras/es, da escola e da família.

É essencial apontar que o cotidiano da escola é marcado também por identidades de crenças religiosas que, muitas vezes, rejeitam ou ignoram a discussão sobre a diversidade sexual, ocasionando, por vezes, silêncios ou tensões diante da questão. Assim, determinando que a escola enquanto instituição tenha que saber lidar com determinados enfrentamentos da sociedade e da família que se opõem ao tratamento do tema. Conforme Castro & Ferrari (2017, p.71-72) "o recrudescimento de uma moral-religiosa pautada na manutenção da heteronormatividade e dos binarismos

de gênero vem se constituindo como um desafio às discussões sobre as relações de gênero e sexualidade no campo social contemporâneo.”

Nesse sentido, as ações pedagógicas na escola acabam por limitar as discussões da temática ou até mesmo não efetuá-las tendo em vista possíveis ações reativas de alguns membros da comunidade escolar, da família e outros grupos sociais que substancialmente estão mergulhados em valores culturais paternalistas, autoritários e hierárquicos. Desse modo, articulamos em relação ao tratamento a ser dado pela escola com o que diz Silva et al.(2017, p.90) que “o corpo e a sexualidade passam então a serem tratados com cautela, sem a marca daquilo que é de todo mal, mas que precisa ser disciplinado, controlado e, se necessário, combatido. Produz-se o dispositivo da sexualidade que molda e disciplina o corpo.”

Em verdade, no processo de formação docente, a questão da diversidade sexual necessita de uma amplitude de debates que propiciem aos graduandos condições de legitimar suas forças produtivas de ação futura na docência não somente com os saberes científicos produzidos e construídos em sala de aula e nas escolas, mas também na projeção de outros espaços a serem observados, ou seja, espaços não-formais, para buscarem entender as vivências, experiências e histórias de outros atores sociais que nas diferenças em relação a heteronormatividade lutam pela igualdade de direitos diante da expressão do corpo e da sexualidade. Logo, tais possibilidades podem contribuir de modo significativo aos futuros professores no que tange a outros saberes docentes que não somente os saberes profissionais, mas os saberes curriculares, disciplinares, experienciais, do conhecimento, os pedagógicos, entre outros.

Olhares que projetam outras considerações reflexivas.

Com efeito, a atividade de observações sobre o cotidiano escolar direcionada pela disciplina da graduação permitiu intensificar a projeção de olhares dos graduandos sobre o tema Corpo e Sexualidade articulado com as questões culturais que preenchem o cardápio dos ambientes de ensino. Ainda mais, proporcionou o contato direto dos licenciandos com os professores, alunos, coordenação e direção contribuindo com possibilidades de manutenção de um diálogo constante que acaba por transparecer alguns episódios de ensino e acontecimentos escolares que explicitam o currículo ‘oculto’.

Sendo assim, as descrições presentes no texto acabam por traduzir as realidades dos sujeitos presentes na escola com as suas mais diversas

representações sobre o Corpo e a Sexualidade a partir de linguagens gráficas (escritas, desenhos), gestuais (danças, contatos corporais), comportamentais (atitudes, falas, silêncios), entre outras que podem dar sentidos em utilizá-las a outras proposições em favor da prática pedagógica para ressignificar o ensino dos conteúdos curriculares, e, por assim dizer dos conteúdos associados à denominada “representação cultural”.

Por outro lado, os estudantes em formação inicial em Ciências e Biologia ao ocuparem a escola para perceber como se dão os episódios de ensino e acontecimentos escolares projetam olhares, percepções e pronunciam as suas vozes para falar de algo que de algum modo, inicialmente, causa estranhamentos ocasionados pela historicidade dos acontecimentos que mantém a proibição e repressão ao diálogo sobre as questões que envolvem o Corpo, a Sexualidade e o Gênero. Como e o que ter das vozes dos graduandos sobre os possíveis mecanismos que instrumentalizem práticas docentes ao que seja perceptível na escola? É possível articular o observado, o vivido e o dialogado com novas proposições curriculares que reajam aos enfrentamentos das reações contrárias materializadas em visões deterministas e biológicas sobre o Corpo, a Sexualidade e Gênero?

Sob a ótica da experiência das observações realizadas, consideramos que os olhares sobre os múltiplos episódios e acontecimentos escolares retratam a dimensão fotográfica da percepção, da imaginação, da sensibilidade, do estranhamento, das representações simbólicas e concretas, da ocultação e das práticas culturais que revelam a imagem não revelada do currículo “oculto” presente no ambiente escolar. Assim, a fotografia que se tem revelada é o discurso e reflexões dos graduandos em tornar possível outro ensino que ampare o Corpo e a Sexualidade não somente no campo biológico, mas também no campo da cultura e do social.

Referências

ALVES, N. A. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 23, 2003. AMARAL, M. B. (Tele)natureza e a construção do natural: um olhar sobre as imagens da natureza da publicidade. In: OLIVEIRA, D. L. (org) **Ciências nas salas de aula**. Porto Alegre. Mediação, 1997.

BARROS, S. da C. Sexualidade no currículo escolar: disciplinaridade ou transversalidade? **Anais**. VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC, Florianópolis, 2009.

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e Educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F. & CANDAU, V. M. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 4ª edição. Editora Vozes. Rio de Janeiro, 2010.

CASTRO, R. P. de & FERRARI, A. Educação, experiências religiosas, gêneros e sexualidades: algumas problematizações. In: RIBEIRO, P. R. C. & MAGALHÃES, J. C. (org) **Debates contemporâneos sobre Educação para a Sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017.

DIAS, A. F. & DE OLIVEIRA, D. A. As abordagens de corpo, gênero e sexualidades no Projeto Político Pedagógico em um colégio estadual de Aracaju, SE. **Revista Holos**, ano 31, vol.3, 2015.

MACEDO, E. Esse corpo das Ciências é o meu? In: MARANDINO, M. (org) Ensino de **Biologia: conhecimentos e valores em disputa**. 1ª edição. Editora Eduff, Rio de Janeiro, 2005.

NASCIMENTO, A. M. Biologia e Sociologia: uma articulação possível no ensino do corpo? In: SANTOS, L. H. S. dos. **Biologia dentro e fora da escola**. Editora Mediação, Porto Alegre, 2000.

RIZZA, J. L. & RIBEIRO, P. R. C. Produzindo olhares sobre a sexualidade em políticas públicas educacionais. In: RIBEIRO, P. R. C. & MAGALHÃES, J. C. (org) **Debates contemporâneos sobre Educação para a Sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017.

SILVA, E. P. de Q. et al. Sexualidade e Religião – reflexões que cabem à educação escolar. In: RIBEIRO, P. R. C. & MAGALHÃES, J. C. (org) **Debates contemporâneos sobre Educação para a Sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017.

SILVA, E. P. de Q. Corpo e sexualidade: experiências em salas de aula de ciências. **Revista Periódicus**. 2ª edição novembro 2014 - abril 2015

TURA M. de L. R. A observação do cotidiano escolar. In: ZAGO, N; CARVALHO, M. P; VILELA, R.A.T. (org) **itinerários de pesquisa perspectiva qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

VALIENTE, C. & SELLES, S. E. Representação de corpos humanos em livros didáticos de Ciências em perspectivas históricas. **Anais**. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC , Florianópolis, 2017.